

54/09/09
 Cláudio Augusto
 m. 3.10

io de Janeiro, Domingo, 9 de Setembro de 1951

3



Invenção ou Convenção?

Sérgio Buarque de Holanda

TENDO sugerido a propósito de um recente panorama da nova poesia brasileira que o zelo formalístico, se está efetivamente presente nessa poesia, teria caráter accidental, não fundamental e que só entre autores menos característicos esse zelo se converte em preocupação empolgante, resta a bordo algumas consequências prováveis de tal situação.

Assim formulado, o problema remete-nos ao velho e popular contraste entre "fundo" e "forma". Parece hoje certo que esse contraste não provém de uma falsificação, mas de uma simplificação mais ou menos grosseira. Apenas sucede, como em todas as simplificações, que ele nos leva com frequência a uma visão confusa e, a bem dizer, falsificadora dos fatos.

A verdade é que fundo e forma não se deixam isolar um do outro sem provocar o risco de incompreensão da essência da poesia. E assim como não parece plausível abordar numa obra poética unicamente seus motivos, seus temas, seu conteúdo, é inegável que esse "fundo" condiciona em grande escala a "forma" (e vice-versa). De onde a insuficiência de todas as teorias que tendem a abstrair qualquer dos dois aspectos inseparáveis de uma só e mesma realidade. De onde também o erro palmar e singularmente difundido em nossos dias, e entre nós, de todas as explicações e críticas unicamente formalísticas, "estéticas" da natureza da poesia.

PARA oferecer um exemplo concreto dos extremos a que pode chegar a falácia esteticista lembrei as palavras onde um bom poeta e má esteta, da "geração de 45" se opôs ultimamente, em jornal de São Paulo, a certas objeções que lhe tentou fazer aqui mesmo este cronista. "Ao escrever sobre o livro de Cabral de Melo Neto", escreve ele, "desnudei a debilidade poética deste trecho inicial:

A cidade é passada pelo rio
 como uma rua
 é passada por um cachorro;
 como uma fruta
 por uma espada.
 "No conjunto destes versos",

acrescenta, "a palavra *cachorro* é apoética. E além da comparação entre o rio que passa a cidade e a espada que passa a fruta — que é destituída de qualquer valor como obra de criação, como idéia própria e como imagem literária — a palavra *fruta* no feminino é



poeticamente fraca também". Parece bem claro que nesse juízo prevalecem do começo ao fim meras associações pessoais, mais ou menos arbitrárias, que lutam desesperadamente por ganhar valor universal. O crítico não chega, e em verdade não pode, justificar de modo objetivo seu decreto de que tal ou qual palavra é apoética se tomada isoladamente ou no contexto dos versos. Ou poderá fazê-lo quando invoque convenções estéticas bastante caprichosas.

A justificação seria defensável, neste caso, se apoiada em determinado critério — o de que a invenção, em poesia, vale

menos do que a convenção (que é, em suma, o critério de todas as retóricas e de todo classicismo genuíno) — mas então ficaria inutilizada sua outra exigência expressa, de que uma comparação poética deva ter "valor como obra de criação, como idéia própria".

O "como" o poeta diz é sempre estritamente condicionado por "o que" ele diz. E o que ele diz só se pode dizer de uma forma. Em poesia — e apenas em poesia? — "cão" não é sinônimo de "cachorro" e "fruta" não se traduz rigorosamente por "fruto". Até nestes mínimos pormenores parece legítima a noção de que a linguagem da poesia, em sua essência, não é traduzível, nem substituível à vontade.

OUTRO ponto onde esta alternativa entre convenção e invenção é de importância e afeta o problema ainda uma vez em face, do verso metrificado e do chamado verso livre, relaciona-se à questão do ritmo. A distinção entre o ritmo natural e o compasso que tive ocasião de abordar em artigo recente não é minha, nem é recente, pois que, em sua expressão primitiva, está em Aristóteles. Sabe-se que, para o Estagirita, o verso se distinguia, com efeito, pelo metro e a prosa pelo movimento rítmico. Que este movimento seja caracterizado por certa

Conclui na 10ª página)

INVENÇÃO OU...

(Conclusão)

regularidade ou recorrência não parece discutível; do contrário necessitaríamos de outra palavra, quando falássemos no ritmo das ondas do mar ou no da respiração. Mas também é indiscutível que o ritmo das ondas e o da respiração não são coisa mecânica e não se deixam metrificar sem violência.

Tal opinião, contudo, está longe de ser perfeitamente pacífica. Assim, um dos poetas da "geração de 45", meu prezado amigo Domingos Carvalho da Silva, ainda pôde escrever estas palavras — entre outras — em defesa de suas idéias próprias sobre ritmo: "Resta-me a hipótese de admitir o sr. Sérgio Buarque, como compasso mecânico, todo o ritmo que se baseie na harmonia tônica das sílabas. Se assim ele entende, por ter outra noção do ritmo, devo então confessar-lhe sinceramente que para mim o ritmo é realmente coisa "mecânica". Sua condicional não importa muito neste caso, pois logo adiante admite lhanamente, e já agora sem condições, este último ponto de vista: "No meu ensaio, por ele generosamente citado, defino o ritmo como o resultado de uma regularidade cronológica da produção de um som qualquer (hoje eu diria *repetição em vez de produção*). E estudo o ritmo do ponto de vista da física, cito o tic-tac dos ponteiros do relógio".

A divergência, a meu ver, cifra-se aqui numa questão de linguagem. Ritmo para o autor é o que tradicionalmente se tem entendido por métrica. Apenas no desenvolvimento da tese trata de defender "a livre combinação de versos de medidas diferentes, contra a monotonia dos versos uniformes". E ainda neste passo não se afasta vigorosamente do convencional, pois é notório que poucas vezes, mesmo nas épocas de classicismo, se ataram os poetas, com exclusividade, aos padrões isossilábicos.

A "novidade" contra a qual se rebela, mesmo sem o confessar, prende-se à crença difundida muito depois de Aristóteles, de que também o verso como a prosa, pode ser unicamente rítmico sem precisar submeter-se a qualquer métrica definida. Rítmico, no mesmo sentido em que é rítmica a mutação das estações do ano. As quais, obedecendo embora a certa regularidade, nem por isso se perfilam num compasso mecânico.

Se a palavra "verso" é inadequada para designar as linhas irregulares que vemos na Bíblia, em Whitman ou em St. John Perse, por exemplo, é ponto ainda sus-

Continua no

verso

cetível de discussão. Etimológica-mente, essa palavra dá a idéia de "volta", "repetição". Nada prova, porém, que volta e repetição devam ser comparáveis ao tic-tac de um relógio ou possam ser estudadas, como o deseja meu poeta, "do ponto de vista da física".

Devo dizer, de passagem, que mesmo este ponto de vista pode favorecer em parte minhas pretensões, pois é notório que a física moderna não tem meios para medir, segundo os critérios estatísticos que prevalecem para fenômenos macroscópicos, a regularidade das ocorrências atômicas individuais. É claro que há alguma regularidade; apenas não se mostra dócil aos nossos processos normais de mensuração.

O mesmo, com as mesmas palavras, cabe dizer do verso chamado "livre". Examinando grande número de poemas de Whitman um estudioso dos problemas do ritmo e do estilo poético, Albert Verwey, pôde notar como apresentam movimentos de duração determinada, que sempre se reitêram ao cabo de algum tempo. E outro estudioso, Max Bense, achou essa reiteração redutível, bem ou mal, a princípios modernos de análise matemática, que em nada se comparam, é certo, aos da métrica tradicional.

SERIA ingênuo pensar, contudo, que Whitman ou quaisquer outros autores do verso "livre", tivessem obedecido conscientemente àqueles princípios. Como não obedeciam, conscientemente, às complicações da poesia métrica medieval, aqueles ditosos jograis e cantadores do século XIV, lembrados por Paul Verrier em sua obra exaustiva acêrca do verso francês (tomo 2.º, Paris, 1932, pg. 22), que sem nunca terem estudado as "regras", logravam triunfar naturalmente sôbre tôdas as extremas dificuldades de tal poesia, com os seus seis modos rítmicos e os oito melódicos.

Hoje vemos, pela primeira vez, entre nós, depois do parnasianismo, tôda uma geração devotada ao aprendizado das "regras" e técnicas da poesia. O fenômeno é promissor só até certo ponto; até ao ponto em que esse devotamento às vezes mais ostentoso do que real não venha a suprir outras virtudes mais preciosas. A nostalgia dos rígidos regulamentos, a inflação formal, nunca representou um distintivo das épocas verdadeiramente ricas em poesia, mormente em poesia lírica. E o que foi verdadeiro no passado não deixará, talvez, de sê-lo no presente ou no futuro.

Remessa de livros:
Rua Haddock Lobo, 1625, —
São Paulo.

